

Tendência Formativa e Tendência Actualizante

Reflexões à luz das teorias do caos e da complexidade

Formative Tendency and Actualizing Tendency
Reflections concerning chaos and complexity theories

1. Carl Rogers, em 1980, no seu livro intitulado *A Way of Being*^[1] referiu-se assim à **tendência formativa**: *"We are tapping into a tendency which permeates all of organic life - a tendency to become all the complexity of which the organism is capable. And on an even larger scale, I believe we are tuning into a potent creative tendency which has formed our universe, from the smallest snowflake to the largest galaxy, from the lowly amoeba to the most sensitive and gifted of persons. (p. 134).*

Na mesma obra, Rogers define a **tendência actualizante** como: *"Is characteristic of organic life of which the human organism is one. Individuals have within themselves vast resources for altering their self-concepts, their basic attitudes and self-directed behavior". (p. 115).*

2. Estes dois princípios básicos do movimento rogeriano estão ligados entre si, não só do ponto de vista conceptual como também do ponto de vista semântico.

Em qualquer um deles há uma nítida referência a um impulso para um determinado fim, veiculado pela palavra *tendência*. O sentido que este termo toma pode ser deduzido, por exemplo, através de André Lalande, no *Vocabulaire, Technique et Critique de la Philosophie*, onde é referido, relativamente a *tendência*, que constitui *"un caractère de ce qui tend à un fin"*. Ainda segundo o mesmo autor, o sentido psicológico que tem sido atribuído a este termo é o de designar genericamente todos os fenómenos de actividade espontânea.

Ribot, na sua obra *Psicologia dos Sentimentos*, atribui à designação *tendência* o seu sentido psicológico do seguinte modo: *"La tendance n'a rien de mystérieux: elle est un mouvement ou un arrêt de mouvement à l'état naissant. J'emploie ce mot, tendance, comme synonyme de besoins, appétifs, instincts, inclinations, désirs; il est le terme générique dont les autres sont des variétés; il a sur eux l'avantage d'embrasser les deux aspects, psychologique et physiologique du phénomène"*.

Temos, portanto, como ponto de partida destes dois conceitos o sentido de força propulsora que impele o organismo para um determinado fim. Ou seja, estes dois princípios sintetizam a perspectiva motivacional do comportamento dos seres vivos em geral e do homem em particular, na sua formulação mais básica.

Rogers posicionava-se, deste modo, numa concepção do homem e do comportamento humano, ao

nível da interferência de um conjunto de forças, gerais e universais, que determinam, no plano mais essencial, o comportamento humano. É evidente que Rogers não falava em instintos nem em motivações primárias mas, através de uma outra linguagem, fala em *processo direccional*, ou seja em forças que impelem o comportamento para um determinado fim, o que em termos conceptuais é coincidente com a noção actual de motivação primária ou de comportamento instintivo.

Esta conotação pode ser deduzida a partir ainda da análise do significado do termo *tendência* quando Ribot lhe atribui um sentido simultaneamente psicológico e fisiológico. Este sentido aparece-nos na concepção rogeriana no conceito de *organismo* que é um conceito unificador das múltiplas partes em que é constituído.

Retomando o sentido profundo de tendência verificamos que a sua essência é o **movimento** e portanto a **mudança** (de posição, de organização, de estado); por outro lado, dado o carácter *universal* destas tendências ("esta tendência está em acção em todas as ocasiões"¹¹) existe um sentido também de **permanência**. Isto é, a ideia de *tendência* não é uma ideia simples, mas antes uma ideia que engloba, simultaneamente, a **mudança** e a **permanência**.

Ora, este tipo de construtos recobrem princípios que dão conta da complexidade dos sistemas que constituem o universo, incluindo o sistema humano, e que só após o advento das teorias do caos e da complexidade é que tiveram um verdadeiro desenvolvimento e uma adequada formulação que os inscreveram no domínio das ciências rigorosas.

Sendo assim, os princípios básicos do modelo rogeriano, tal como foram enunciados pelo seu criador, assentam nos modelos mais actuais da ciência, nomeadamente nas chamadas teorias da complexidade. É evidente que Rogers, apesar de ter sido influenciado por autores como Prigogini e Capra, não tinha ainda ao seu dispor todos os desenvolvimentos teóricos que nos últimos 10 anos caracterizaram o actual epistema. Apesar disso, demonstrou uma intuição brilhante, ao enunciar estes princípios, ao ponto de poder ser considerado, na minha opinião, como um dos precursores da aplicação do novo paradigma científico à psicologia e à antropologia.

3. Analisemos agora, com mais pormenor a **tendência formativa**. A principal tese de Rogers é a seguinte: existe no universo uma tendência formativa que pode ser observada em qualquer nível de organização.

Começemos por analisar o segundo termo deste princípio: *formativa*. Derivando do latim *forma* ou do grego *morphé*, esta designação remete-nos para um princípio morfogénico como um processo criador. Ou seja, a todos os níveis do universo funciona uma força que impulsiona para a organização formal e que nesse processo as novas formas recobrem-se da característica do novo. Dito de outro modo, os múltiplos sistemas do universo tendem a organizarem-se em conjuntos delimitados de um fundo geral, através de uma maior complexidade da organização subjacente. A esta maior complexidade da organização correspondem novas singularidades no seio da multiplicidade de opções.

Um outro aspecto a destacar da formulação desta tese é o carácter universal desta tendência. Este

carácter é correlativo da possibilidade de uma morfologia geral. Temos então um princípio que nos remete para a progressiva organização mais complexa da matéria operando segundo um princípio morfogénético geral. A qualquer nível da organização da matéria esta tenderá para a criação de novas formas de organização mais complexa e isso ocorrerá através do mesmo princípio de morfogénese.

O que acabei de formular está bem explícito na afirmação de Rogers “*observable in the movement toward greater order, complexity, and interrelatedness that can be observed in stars, crystals and microorganisms, as well as in human beings*”^[2].

Este aspecto é, na minha opinião, perfeitamente inovador, pelo menos em termos da consideração de um princípio morfogénético geral. De facto, só muito recentemente, foi proposto um modelo matemático que permitisse dar cobertura formal a este princípio. Refiro-me à teoria da morfogénese do matemático francês René Thom, a qual permite a constituição de formas por argumentos *a priori* e, por isso, independentes do substrato e da natureza das forças que as criam. Estamos perante a autêntica formulação do novo e, nesse sentido, recobrando perfeitamente a consideração que Rogers faz deste princípio: uma tendência criadora.

Existe uma precisão que não foi feita por Rogers, mas que Barrett-Lennard^[3] disso se encarregou: este princípio só opera nos sistemas abertos, que são sistemas que procedem a trocas permanentes de energia-informação com o seu meio envolvente. Contudo, esta precisão não põe em causa a universalidade do princípio já que, mesmo que se trate de sistemas fechados (como é o caso de uma pedra ou de um cristal) o princípio aplica-se à sua génese e não ao estado formal final. A génese de um cristal pressupõe que um estado menos organizado da matéria evoluiu, sob determinadas condições externas, para um estado de maior organização.

Uma outra questão se poderá por em relação à dimensão deste princípio universal: onde cabe, nesta formulação, um outro dado advindo da física quântica e que se refere à entropia. Ou seja, como pode o princípio entrópico ser considerado a par deste princípio formativo? Rogers tomou isto em consideração dando conta da existência destes dois princípios na natureza: “*o universo está em constante construção e criação, assim como em deterioração*”^[1]. É como se no universo duas forças de sentidos opostos estivessem a operar em permanência: uma que tenderia para a organização crescente e outra para a desorganização crescente.

Mesmo aqui é necessária uma precisão. Aparentemente o universo pode ser organizado através de duas forças de sentidos opostos, mas os avanços mais recentes das teorias do caos e da complexidade dizem-nos que essas duas forças não são mais do que o mesmo princípio a funcionar. Ou seja, mesmo a níveis pouco estruturados da matéria, mas em condições particulares (como por exemplo, em estados longe do equilíbrio) os sistemas em jogo exibem qualidades auto-organizadoras que, no essencial, permitem a emergência da ordem a partir da desordem. Isto é, evidencia-se aqui a noção que a ordem se alimenta de desordem ou, como Prigogini o formulou, a ordem a partir do caos. Deste modo, os dois princípios enunciados não funcionam em oposição, mas antes em complementaridade: não há ordem sem desordem, como não há organização sem caos.

Após estes desenvolvimentos é possível reformular o enunciado da tendência formativa e de tendência entrópica: ao nível do universo, considerado como um complexo sistema de sistemas, a ordem e a desordem interagem resultando a emergência de novas organizações mais complexas que, sob o ponto de vista formal, obedecem a um princípio generativo geral: a auto-organização.

No próximo Editorial ocupar-nos-emos da noção de **tendência actualizante**.



João Marques-Teixeira

Referências Bibliográficas

- [1] Rogers, C. (1983). Um Jeito de Ser. Trad. Portuguesa de M^{ra} Kupfer, Heloisa Lebrão e Yone Souza Patto. S.Paulo: Ed. E.P.U
- [2] Rogers, C. (1980). A Way of Being. Boston: Boston (Houghton Mifflin)
- [3] Barrett-Lennard, Godfrey T. (1973). The Client-Centered System: A Developmental Perspective. University of Waterloo.